

Um dia de primavera

Autor: Rogério Faria Vieira

Há momentos na vida que apesar de efêmeros e da aparente simplicidade do encadeamento nos marcam tão profundamente com sua magia, que a mente, com o zelo de bibliófilo por livro raro e belo, os acolhe em um de seus escaninhos. Experimentei uma dessas ocasiões sublimes, e o enlevo que me dominou então se nutriu de fatos que beiravam as raias da transcendência, do onirismo, da revelação. Não tenho controle sobre a porta que me separa das impressões que colhi então. Quando menos espero, um frêmito me percorre o corpo, uma vibração me alaga alma, e a porta se abre, se escancara. Recebo alegre as visitantes; deixo-as a vontade para imiscuir-se em mim e me extasiar com migalhas das sensações que experimentei naquele dia distante de primavera.

No quarto, recém-despertado e com a mesma disposição do dia a dia, abri a janela de correr. A cantoria dos pássaros, avivada pelo céu limpo e pelo silêncio da alva, acolheu-me com um bom-dia efusivo. A pele morna, tocada pela brisa fresca, reverberou energia pelo corpo e sentidos dormentes. Fechei os olhos e estirei os braços para o céu; os músculos do peito e costas distenderam-se morosamente. Ar frio e denso me preencheu os pulmões liberando bálsamos que me chegaram ao cérebro como um festival pirotécnico de bem-estar, de paz, de enlevo. Prolonguei o estirão e a vista cerrada na ânsia de manter aquela impressão aprazível. Os sentidos ativos me alimentavam a alma com uma nova luz! Desfrutei-a longamente, até resolver usufruí-la também com outro sentido. Abri os olhos e vasculhei o entorno. A impressão inebriante se avolumou com as percepções da leitura. Sentia-me livre das distrações do supérfluo, dos apelos da necessidade, da índole frágil e suscetível.

O vento, reparei então, perdera a mesmice de som agudo e efeito travesso. Ele agora tinha sonoridade; fazia bailar delicadamente as copas das árvores e acalentava as ervas rasteiras, todas no clímax do cio. O olfato expandido roubava do vento o perfume delicado e

raro e mo regalava tão fresco e puro quanto o que as flores servem às borboletas, às abelhas durante a conquista, em que a atração sedutora leva à perpetuação de um e outro reino.

Alcei os olhos ao horizonte. À cabeleira da mata sobrepunham-se matizes do laranja, que se esparramavam gradualmente pelo céu em torno realçando o azul que se impunha, indolentemente, ao cinza circundante. Com o queixo apoiado no côncavo da mão, e esta sustentada pelo braço direito amparado no peitoril frio, abstraído e atônito estava eu na contemplação da paisagem bela. Essa apreciação tinha nos olhos virgens o mensageiro fidedigno da alma. Alteravam-se sutilmente as cores fortes das coisas da terra, os matizes delicados das coisas do céu, e os quadros impressionistas sucediam-se às pinceladas sobrepostas — um desfile dinâmico de obras de arte.

Da padaria em frente chegou-me o rumor da azáfama dos funcionários. Era o prenúncio da primeira fornada do pão francês. Aquele sinal de realidade bateu às portas da mente alheada e nutrida. Só a rotina, resguardada da incitação, veio recebê-lo, e guiou-me à cozinha. Distraído abri a geladeira, desinteressado corri os olhos pelo interior e resolutivo fechei-a. Não esperei a padaria abrir para comprar-lhe o pão quentinho. Deixei o apartamento.

Segui andando sem direção, usufruindo aquele desperdício de graça e bonança que se espargia sem fim no sossego da alvorada. Pouco a pouco, casas e ruas iam dando lugar a uma paisagem cada vez mais bucólica. Em lugar de cimento e tijolo, predominavam o canário amarelo, o tiziu saltador, o beija-flor apressado, o capim-gordura pejado de inflorescências violáceas e plumosas atapetando as encostas dos morros, a água clara e ondeante da lagoa rodeada de árvores esparsas e frondosas. Tudo isso recebia dentro de mim o acolhimento de mãe a filho há muito ausente.

Quando dei por mim, adentrava parque nas imediações da cidade. No horizonte, o Sol, em desafio à gravidade, surgia como gota candente prestes a se libertar do cume da montanha ofuscada pelo nevoeiro. Atraído pela pujança em derredor, embrenhei-me por trilha na mata

exuberante. Árvores, arbustos e ervas distinguiam o ambiente com cores, perfumes, formas e unidade. Os retalhos de luz filtrados pelas ramagens dos arvoredos atingiam obliquamente os arbustos, mas raramente reparavam nas ervas rasteiras ainda banhadas em lágrimas. A brisa fresca transportava a fragrância delicada da terra amada pela chuva mansa do dia anterior, e ele ora se misturava, ora se alternava com o perfume das flores e com o cheiro acre das formigas cortadeiras, que, dispersas em trilha coleante, me cruzavam o caminho.

Lobriguei num arbusto uma borboleta em brotação. Ela tentava se desvencilhar da crisálida. Cheguei-me a ela e cuidei em observá-la. Presenciava o último estágio da transição entre a desafortunada lagarta — condenada a rastejar — e a flor esvoaçante. O azul da parte anterior das asas transparecia sob a fina pele da crisálida.

Depois de alguns minutos entre esforços e descansos, ela conseguiu a liberdade, mas o vôo esperou o corpo se dar conta da metamorfose; os olhos se adaptarem ao sol já brilhante; as asas grandes secarem, endireitarem-se. O marrom, como o castanho do tronco das árvores, coloria-lhe a parte posterior das asas. Ela se exercitava movimentando-as, expondo-as ao sol, enquanto percorria com os olhos a paisagem ao redor. Eu ali perto dela, não a intimidava; apenas mais um componente benigno do seu novo mundo. Busquei nela algum sinal de deleite com a transformação. Não havia sinal algum a que eu pudesse atinar, mas ela irradiava encantamento, o encantamento de um ser que como eu intuía a ampliação do limite.

Afinal ela se sentiu preparada e lançou-se ao espaço. No início, na tentativa de amoldar o meneio das asas à bafagem, o vôo lhe saiu irregular, desaprumado, desairoso, mas a harmonia veio logo depois que uma aragem a instruiu com suas variações de intensidade e direção. Pouco a pouco a aptidão a dotava com mais recursos, e como boa aluna da própria intuição, encetava-os, praticava-os, apreendia-os. Com pouco já inclinava as asas para recolher o vento brando que a alteava. No entanto, o ângulo vago de inclinação das asas pouco a elevava; só a repetição do processo, com os devidos ajustes, corrigiu-lhe o erro. O

domínio dessa técnica capacitou-a para vôos mais altos, mas aí surgiram novos desafios. A aragem, que a acolheu delicadamente na baixa, dera lugar, na atmosfera desprotegida, a ventos brutos, que lhe desestabilizaram o voo e a arrastaram como a um papel. As reações iniciais dela foram poucas e frustradas. Subitamente, como por capricho de Deus, ela se apossara do antídoto: com contramovimentos impingidos às asas ela anulava, cada vez com mais eficiência, o arrasto a que a natureza a sujeitava.

Então os deslocamentos das asas tornaram-se elegantes na calma, variados em extensão durante as brisas, vigorosos e precisos no enfrentamento das rajadas.

Uma veterana dos ares!

Borboleteava sobre arbustos quando se sentiu atraída pelas cores e aroma das flores. Voltejou-as, como a lhes testar a índole; quando confiante, pousou numa delas. Desenrolou maquinalmente a trompa comprida, com a qual sugou com tino o néctar fluido e doce. Fartou-se com três flores e arrojou-se novamente ao espaço. A experiência ministrara-lhe uma das últimas lições de sobrevivência. Não tinha destino, mas a intuição a guiava. Seguiu ao longo da trilha; depois adentrou um descampado. Ia pairando, ondulando, desfilando; e eu atrás, admirando-a.

Num tronco de árvore tombada à beira do trajeto, pousou com elegância. Aproximei-me dela quanto pude. Numa cadência, ela abria e fechava as asas, alternando vaidade e mimetismo: azul, marrom; azul, marrom; azul, marrom. Tive ímpeto de tocá-la, de senti-la nos dedos, mas o temor de danificar-lhe a estrutura delicada, de privá-la do pó que a enfeitava, reprimiu-me a ação. Alçou vôo novamente. Seguiu-a de perto, quando vento rebelde jogou-a em minha direção. Detive o movimento e o fôlego, fechei os olhos e preparei-me para receber-lhe o toque, mas apenas uma brisa e um fio de sol acariciaram-me a pele exposta. Abri-os devagar para não assustá-la, caso estivesse por perto. Um rumor próximo a

uma de minhas orelhas atraiu-me a atenção. Ela acabara de pousar em meu ombro esquerdo e brincava com as asas: marrom, azul; marrom, azul; marrom, azul.

Um vento frio seguido de cerração começou a varrer a natureza. As plantas turvaram-se, e o azul do céu se mostrava apenas por umas poucas e estreitas frinchas esparsas, inquietas. Com movimentos lentos da mão direita procurei ao redor um apoio na realidade desorientadora da bruma. Nada apalpei! Recolhi o braço junto ao corpo e mantive-me estático, deixando as coisas acontecerem, sendo apenas um espectador. O céu não tardou a se agasalhar de todo, e o nevoeiro dominou o cenário. O silêncio derramou-se sobre tudo. Uma sensação de leveza me envolveu e senti-me como em meio a um sonho, flutuando. Reagi a essa sensação de desamparo esfregando os olhos com o dedo indicador antes de guiá-los para o chão. Entrevi meus pés sobre um verde ofuscante. Essa realidade indistinta e fugaz foi suficiente para me assegurar de que estava sob a ação da gravidade. Nisto, atraiu-me os olhos uma cintilação a minha esquerda, onde a borboleta se mantinha apesar da minha agitação. Um cone de luz a envolvera como a ribalta destaca uma estrela no palco. O azul de suas asas tremeluzia e rompia a neblina branca, impregnando-a de nuances de um azul vivo ladeado por tira fina de roxo esmaecido. A vaidade a imobilizara de asas abertas, e como protagonista orgulhosa em fim de ato comovente parecia esperar as palmas da platéia pelo desempenho brilhante.

Garridamente, ela manteve as asas abertas até que a névoa se esvaiu. Aí, sim, a camuflagem tinha serventia, mas ela não abria mão da vaidade, e as asas subiam, e desciam. Mantinha meus olhos nela, dando pouca atenção a minha volta, onde as coisas do mundo se revelavam novamente por imposição de vento sul. Observava-lhe os detalhes de cor e forma: o marrom-avermelhado da parte posterior das asas, o azul da anterior; os segmentos do corpo alongado; as antenas; os olhos grandes. Estes pareciam mirar-me de través, como se quisessem certificar-se de que seu exibicionismo tinha acolhimento. Ficamos assim uma

eternidade de segundos; eu numa contemplação plácida, ela numa ostentação singela da beleza sobranceira. Depois, num arremedo de bailarina, lançou-se ao ar e pôs-se a borboletear a minha volta. Parecia brincar, pompear, como é do feitio das crianças.

Divertia-me com sua manifestação pueril, inocente, quando vento ascendente a soprou forte, alçando-a ao cume de árvore, que ela, inerme, deixou para trás. Segui incontinentemente essa direção. Parei no sítio onde calculei que ela poderia estar. Girei meus olhos ao redor, atendo-me primeiro às ervas circundantes, depois aos arbustos mais ao fundo e, por fim, ergui a vista sobre estes. Um jatobá majestoso chamou-me a atenção. Num de seus galhos uma ave taluda, bonita, com mancha vermelho-sangue no peito, balouçava freneticamente a cabeça. Aquela cena, com detalhes indistintos devido a distância, me intrigou. Dei alguns passos largos e leves em direção à árvore. Parei adiante, de onde podia divisá-la melhor. Atentei os olhos nela e percebi que, naquele gesto impetuoso das sacudidas de cabeça, a força bruta sustinha a vida delicada. Instintivamente, confiei no barulho que provoquei com as mãos e garganta o desejo de assustar a ave e ter de volta a borboleta incólume ao palco. Ela assustou-se, mas não alterou a pressão no bico. A ave encontrara alimento!

Caminhei para fora do bosque, nem alegre nem triste, mas pensativo e inquieto. O sol brilhava forte e distribuía, inclementemente, um calor abafado. Olhei para o verde que escasseava paulatinamente ao redor. As flores, com pouco viço, economizavam nas exalações. O sol agora vislumbrava. Olhei para cima. Um comboio de nuvens prateadas passava apressado. Mais abaixo, pássaros barulhentos imitavam-nas na fugacidade.

O estômago, pela primeira vez, fazia exigências. Tomei o caminho de casa! O ar abafado se desfazia com o vento desproporcional. No céu, ao comboio de nuvens soturnas seguiu-se unidade cinzenta que resguardava só para si a inteireza solar. Cá embaixo o frio começava a reclamar seu tempo e espaço. Os pássaros já se haviam recolhido em abrigos. As copas desconformes das árvores açoitadas pelas rajadas sacrificavam flores e folhas velhas.

Às vezes, o apetite voraz da natureza aumentava o dízimo, e demandava galhos finos e enfolhados, flores novas, numa mutilação aparentemente improdutivo. As águas agitadas da lagoa antegozavam o sustento por vir imitando ironicamente no plano o capim-gordura nas encostas. A dança da existência seguia o ritmo dos ventos hostis, com alívios espaçados, cada vez mais curtos. Os raios já pipocavam ameaçadoramente no horizonte, onde a negridão dominava... e avançava.

O frio e vento cortantes exigiam-me rapidez, pois anunciavam a chegada ríspida e rumorosa da seiva-mãe, que, em breve, seguiria seu ciclo na corrente delicada e silenciosa das veias, numa dependência mútua, numa alternância certa, numa existência infinita, no modo único de manter a vida.